

Malformações congênitas: Terapêutica e repercussões

Guimarães, J.F.N. – Cirurgião Pediatra

Faculdade de Medicina de Marília – Disciplina de Cirurgia Pediátrica

As crianças que nascem, desafortunadamente, com algum tipo de malformação congênita se submetem, muitas delas já nos primeiros dias ou mesmo com algumas horas de vida, a vários tipos de procedimentos, invasivos ou não, os quais levam a vários tipos de estresse: atos operatórios (muitos de grande porte), ausência da mãe, jejum prolongado, venoclises frequentes, permanência em ventilação assistida, etc.

Todos esses procedimentos, dependendo ou não da maneira como são realizados, podem ocasionar alguns tipos de comprometimento, nos mais diferentes níveis, nesses pacientes.

Entretanto, em algumas situações específicas há ainda necessidade de realizar outros procedimentos (operatórios ou não) nos períodos da vida subseqüentes ao neonatal: dilatações ano-retais sucessivas por

período prolongado (anomalias ano-retais), cateterismo vesical intermitente (bexiga neurogênica), operações sobre os órgãos genitais (hipospádia, p.e.), crianças com colostomia por tempo prolongado, alimentação por gastrostomia, incontinência fecal e/ou urinária, etc.

Muitos desses procedimentos, dependendo da fase da vida e da maneira como são realizados, podem também acarretar à criança problemas no futuro (próximo e/ou tardio).

Portanto, além da necessidade de diminuir ao máximo a repercussão desses procedimentos na criança – um dos papéis do cirurgião pediatra –, os outros profissionais que a assistem (psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, enfermeiro) devem também estar cientes desses problemas, a fim de que possam ou minimizar ou tratar suas possíveis repercussões.